

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—Secção Scientifica: *O Congresso de Bruxellas—A escravatura africana, pelo R. Padre Alexandre Le Roy, da Congregação do Espirito Sancto, no Zanguebar; Jurisprudencia canonica, por F. A.—Secção Historica: Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 47.º, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: A Inglaterra e o Direito internacional moderno; O Seminario de Santo Antonio e S. Luiz em Braga, por J. R. M.—Secção Illustrada, por R.—Secção Necrologica, por D. P.—Secção Litteraria: Consolações de um anjo do ceo a sua mãe da terra, por A. Moreira Bello.—Secção de Communicados: O dia 4 de fevereiro de 1890 no Seminario d'Angra, por F. V. B.—Retrospecto, por M. F.*

Gravuras: *Convento em ruinas; A Historia contada aos netos.*



CONVENTO EM RUINAS

SECÇÃO SCIENTIFICA

O CONGRESSO DE BRUXELLAS

A escravatura africana

Pelo R. Padre Alexandre Le Roy,
da Congregação do Espirito Sancto,
no Zanguebar

(Continuado do n.º anterior)

MAS, dizem, não se trata já de supprimir esse genero de escravatura: falai-nos do outro! Pois bem, falemos do outro. do *extra-legal*, alimentado de escravos roubados.

I.—Em primeiro logar ha o roubo por miudo. Os traficantes precedentemente nomeados: arabes, mestiços, comorezes, swahilis, mangwanas, musulmanos de qualquer rito e de qualquer côr, tomando por base d'operações a costa ou os centros musulmanos do interior, encaminham-se para as tribus circumvisinhas e expedem para todos os lados, quando não operam por si mesmos, homens assalariados, em grupos de dois, tres e quatro. Vêem-se estes sabujos, com suas tunicas brancas e sordidas figuras, vaguear por campos e aldeias, metterem-se em todas as festas, confundirem-se nas danças, nos negocios locais, segredar com uns e outros, espiar a occasião opportuna, e n'um bello momento quando as creanças estão sós nos caminhos, ou as mulheres andam no trabalho campestre, longe dos homens, quando de noite ha festejo na aldeia, e se dança e bebe despreocupadamente, atrahem por astucia ou por força os que querem tomar, se é maré de geito põem-lhe mordada, obrigam-nos a caminhar, ligam-nos, transportam-nos e assim se dá entrada no quartel general do chefe. No litoral, o negocio não é tão complicado. Basta convidar as creanças a vêrem o barco, um elegante veleiro, de que se dizem maravilhas; e quando a caça está certa, leva-se ancora e... adeus liberdade.

Outras vezes, partem com um pouco de fazenda, sal, missanga. etc., em direcção ás habitações da gente simples e pacifica; compram-lhe productos do paiz, tabaco, arroz, milho, etc.; e pedem-se homens para transportar estes fardos a um logar que se lhes designa. Serão bem pagos: como negaça exhibem-lhes amostras tentadoras; ajusta-se o preço; partem; chegam; convidam se os carregadores a descansar um pouco, a tomar uma refeição; e n'um momento dado, lançam-se sobre elles, prendem-nos, amordaçam-nos e eil-os feitos escravos.

Eis o roubo por miudo, de que dei

exemplos; que admite, como qualquer outro, grande numero de variantes, mais ou menos complicadas, mais ou menos industriosas, ora aqui, ora alli, muitas vezes no interior. mas o mais das vezes nas tribus visinhas da costa.

II.—O roubo por junto convem aos homens d'alta esphera, conhecidos em toda a costa, que no interior teem, por varias vezes, dado aos viajantes europeus uma hospitalidade principesca e que, de volta a Zanzibar, são saudados nas ruas pelos representantes mais conspicuos da civilisação arabe, europeia e indiana. Mui facilmente se aprisionam os negreiros que permanecem longa temporada no mar, sobretudo se trazem bandeira de que se não gosta; mas estes altos personagens do escravatismo andam por onde lhes apraz. porque arruinal-os seria ao mesmo tempo arruinar os capitalistas indios, a quem são devedores dos capitaes com que jogam. Estes homens, de reputação feita e fornecendo alem d'isso frequentemente consideraveis porções de marfim, obteem sem difficuldade os fundos que lhes são precisos; homens, armas, munições, tudo conseguem á grande. Com todas as commodidades lá partem ao ganho. Em geral, teem centros de reunião, onde são quasi soberanos, onde teem fundado colonias, e d'onde conduzem a sua gente para o ponto em que se lhes assignalou boa messe de marfim e d'escravos, uma fome, uma desintelligencia entre regulos, uma população numerosa e mal armada... Por onde quer que passe a escolta, o cabo julga da attitude que convem tomar. Compra-se, sendo necessario; faz-se alliança com um chefe para bater outro; e se as circumstancias o permittem. faz-se uma *razzia* em fôrma. Foi o que aconteceu ultimamente nos arredores da missão de Kibanga, no Tanganyka; é o que tantas vezes tem sido narrado, e é o que finalmente abalou a consciencia christã da Europa.

III.—Emfim ha uma outra categoria de escravistas que convem não deixar em silencio: são tribus inteiras que só vivem de rapina, ou que, pelo menos, estão sempre prestes a interromper quaesquer occupações para se entregar a esse *nobre mister da guerra*. Assim é que os somalis, os massaís, os mavitis, os wahéhés, etc., opprimem as diversas tribus que os cercam. Após estes povos tyrannos, vagam perpetuamente como bandos de chacaes, os musulmanos da costa ou do interior, para incitar á guerra e trocarem depois os productos de que dispõem pelos infelizes escravos prisioneiros.

Perguntar-se-á talvez porque não se ligam estas tribus pacificas contra tão insolentes saqueadores. Ah! Não só se não unem para a salvação commum,

mas ainda acontece que, se algum pequeno regulo tem o menor motivo de queixa contra um seu visinho, é bastante para que vá immediatamente fazer um appello aos massaís, aos mavitis e a outros. Estes não se fazem rogar muito. Gera represalias esta primeira guerra, e os roubos renovando-se, perpetuando-se, alargando-se, não acabam muitas vezes senão com a mesma tribu.

Emfim não nos assistem razões de mais para combatermos este systema. Na America comprehende-se que os armamentos actuaes da Europa a arruinam: e qual será a nação europeia que, seja a primeira, a pedido da America, a consentir em desarmar-se?

II.—Alguns erros relativos á escravatura

A exposiçào precedente, já demasido longa e todavia tão resumida, das condições actuaes da escravatura africana, apresentando esta importante questão, sob um aspecto talvez novo, mostra que o mal é mais grave e o remedio mais difficil do que se tinha julgado. E' necessario, comtudo completar estes dados, agrupando aqui alguns erros que teem corrido na imprensa europeia e que só podem alimentar illusões perigosas.

I.—Em primeiro logar, é pois um erro, e erro gravissimo, crer, com alguns viajantes e diplomatas, que «o islamismo deve ser considerado laço d'união entre a civilisação branca e a barbarie negra». Esta proposição, que de bella só tem a antithese, dá a idéa d'esta: «Para dar cohesão á massa, não vos esqueçais de, á farinha e agua, juntar alguns punhados de saibro.» O islamismo, com effeito, é, como a pedra, inassimilavel; e o que se appellida «a civilisação musulmana» tende, de facto, pelo menos entre a raça negra, a cobrir todos os vicios com um verniz que alguns acham agradável, mas que, por ser indelevel, jamais se pode desarreigar. Pelo que respeita a crer que os negros, tornados musulmanos, serão mais accessiveis ao europeu, é ir precisamente d'encontro á verdade, e, porque não sabem o que fazem, cumpre ter compaixão dos governos e de seus funcionarios, que chegam a favorecer, por vezes á custa da religião christã, a manutenção e desenvolvimento do islam nos paizes que lhes estão sujeitos; chegam a introduzil-o por meio de colonos musulmanos em regiões que d'elle eram exemptas!

II.—E' erro tambem contar demasido com a alliança dos negros infieis contra os musulmanos; crer por exemplo que basta apparecer uma força anti-escravatista, para ser acolhida por toda

a parte como uma legião de libertadores!

Certo é que, se duas tribus estão em guerra, uma accêta sempre, e de boa vontade, um auxilio transitorio contra a outra. Mas n'esta questão de escravatura, convem não esquecer que os interesses dos traficantes se confundem com os dos chefes e homens livres. Nenhum negro, com effeito, suppõe que elle, em pessoa poderá cair na escravidão, mas todos ou quasi todos, mesmo os escravos, esperam achar mais cedo ou mais tarde occasião de comprar um escravo. E, logo que podem, é realmente o que fazem.

Os arabes, os mestiços e os negros musulmanos, são por certo relativamente pouco numerosos no interior da Africa oriental; mas decorridos tempos, dentro em pouco, terão alli indubitavelmente mais representantes e sobretudo maior influencia que os europeus.

Alem d'isto, não devemos crer que a escravatura e o proprio trafico, no que tem de mais abjecto, sejam de egual modo atallados por nós, christãos, e pelos negros, geralmente mais inclinados a admirarem o forte que a socorrerem o fraco. E' natural que o escravatista com seus numerosos alliados vos olhem como inimigo ou ladrão; e, o que parecerá incrível, o proprio escravo, arrancado por vós á servidão, se interrogará muitas vezes sobre o que ganhou com isso: em vez de servir ao arabe, serve ao europeu,—nada mais verã. E como o europeu é na realidade muito mais exigente, mais activo, mais orgulhoso que o arabe, o pobre escravo não deixará de ter os seus receios ao passar das mãos d'um para as mãos de outro.

III.—Ainda novo erro. E' confiar muito nos governos e nas sociedades commerciaes que a pretexto de «terem parte na civilisação da Africa» se vão apoderando do que lhes faz conta.

A palavra CIVILISAÇÃO tem o significado de EXPLORAÇÃO: e tanto peor para os que se deixam illudir!

Todavia, em poucas palavras, ao bem geral importa que o europeu supplante o arabe. Mas o funcionario europeu, que professa pelo negro um desprezo profundo, não tomará a peito a supressão do trafico e da escravatura, se não achar n'isso notavel interesse, a menos que o não force a opinião, a quem elle recebe.

Demais, está a Europa muito longe de se tornar senhora da Africa. Dizem-no os livros, mostram-no os mappas. E' verdade isto; e comtudo diz-se: «Ao passo que os voluntarios destruiram os escravatistas na margem dos Grandes Lagos, o governo allemão acabará por dispersar o resto nas suas possessões, onde poderiam encontrar um ultimo re-

fugio... Eis o que nada custa a dizer. Mas ah! far-se-á isso assim de pressa?!

IV.—E' um erro crer, de verdade, que a escravatura local é independente da commercial. Na realidade, uma é o alimento da outra. Emquanto houver escravos a vender, haverá escravos vendidos; e havendo escravos vendidos, haverá escravos transportados. O que é permitido sustentar, é, que este commercio pode ser mais ou menos estorvado, mais ou menos restricto, mais ou menos diminuido.

V.—Erro é suppor que o trafico, a caça ao homem, é essencial nos lagos do interior, que os negreiros hão mister do Tanganyka para fazer passar sua mercadoria, e que, desde o momento em que esta communicação fôr interceptada por um serviço de vapores de pequeno lote, a escravatura por este facto, receberá um golpe terrivel. O que é verdade, e talvez fosse isto o que se pretendia dizer, é que se pode nutrir esperanças de conservar os negreiros a uma certa distancia das missões de Kibanga, de Mpala e de Karéma, no Tanganyka. Se o systema produzir effeito, pode tentar-se junto das outras missões, dado o caso comtudo de que estas o permittam. Pode mesmo lançar-se fogo ás choupanas dos armazens d'Udyidi, de Taborá e d'outras regiões. Mas cautella com as represalias e ai das estações europeas do interior africano!

VI.—E' um erro crer que communicações mais faceis estabelecidas por meio de pequenos vapores e caminhos de ferro de via reduzida, desde o Zambuze até ao Nilo, fechariam aos escravatistas um caminho de que precisam. Certamente estes meios de rapida communicação seriam um grande beneficio, se se pudessem juntar os fundos que demandam a sua installação e sustentação. Suppondo, porem, que os escravatistas não possam atravessar estes rails ou passar ao lado d'esses vapores, suppondo que não lhes vem á ideia destruir esses vapores, nem deslocar e roubar esses rails, restar-lhes-ia o recurso de dirigir as suas caravanas d'alem dos Lagos, para os seus alliados do Sudã e alto Egypto, e as d'aquem, para a costa do Zanguebar e para o paiz dos somalis, como d'antes faziam.

VII.—Erro tambem é crer que o trafico está essencialmente localizado, que tem precisão dos centros actuaes para lhe servir de base d'operacão, que os caminhos adoptados lhe são impostos por exigencias topographicas ou d'outra natureza, e que, em vista d'isto, uma força bem equipada pode apoderar-se d'estes centros e destruil-os, impedir estes caminhos e lançar mão das caravanas... A verdade é que os esta-

belecimentos de que se trata, não são mais do que vastos acampamentos no meio de tribus alliadas para o mesmo commercio. Quando a região está esgotada, ou não é segura a posição, o acampamento levanta, dirige-se para outra parte, e as caravanas seguem-no. O mesmo se dá com os caminhos.

Quanto mais, estas posições, por mal defendidas que pareçam, não são faceis assim de tomar como se pensa. Temos o exemplo em Stanley, que partiu em optimas condições; ordenai-lhe hoje, que vòe para Nyangwé, Udyidi ou Taborá, os destrua e se apodere dos escravos alli existentes. A ser sincero, responder-vos á, que não; que já lhe custa arrastar-se; que não pode destruir Nyangwé, nem Udyidi, nem Taborá, mas que se algum d'esses centros o alacar, ficará perdido sem remedio; que não só não lhe é possivel tomar as caravanas d'escravos, mas que, se essas caravanas lhe não fornecem portadores, talvez morrerá no camiuho.

VIII.—E' erro crer que o commercio do marfim e o trafico dos escravos estão de tal modo unidos que desaparecendo o primeiro, o outro cessará por si mesmo. Não. Ha paizes ricos em marfim como o Massai que não fornecem um só escravo, e paizes que dão muitos escravos, como o Ukami, mas que não fornecem uma libra de marfim. São duas operações que caminham parallelas, que muitas vezes se auxiliam mutuamente, mas, podem perfectamente existir independentes.

(Continua).

Jurisprudencia canonica

As irmandades e os direitos parochiaes

CONSULTA

† MEZA da Misericordia de... poderá com o seu capellão fazer celebrar na sua igreja quaesquer festividades que julgar convenientes á religião e aos interesses da dicta sancta Casa independente da auctorisação do parochio da localidade? (1)...

Um assignante.

(1) Pedimos desculpa ao nosso illustrado consultante de nos limitarmos somente a responder á sua consulta sob este unico ponto de vista, certamente o mais interessante. Emquanto ao outro ponto da consulta, parece-me prudente nada dizer. Os privilegios a que allude parece-me não terem hoje razão de ser...

RESPOSTA

A questão que se nos propõe a resolver era, por certo, bem embaraçosa n'outro tempo. Tornou-se porém bem simples e de facil solução, depois que uma notabilissima decisão da S. Congregação do Concilio, de 1703, foi publicada exactamente «para pôr termo às controversias que costumam levantar-se entre os parochos e as confrarias seculares, seus capellães e empregados acerca dos direitos parochiaes e funcções ecclesiasticas», como se diz no mesmo decreto. Aquelle decreto é uma resposta solemne e judicial a uma serie de duvidas que foram a este respeito propostas à S. C., e as quaes elle respondeu depois de longo e maduro exame, com larga e attenta discussão dos advogados consistoriaes, como diz Bento XIV nas suas *Instituições ecclesiasticas*, onde fomos encontrar este decreto por extenso (*Instit. C. V, § IV.*)

Lendo aquelle decreto, que foi confirmado pela auctoridade do Papa, então reinante, vê-se que o direito canonico restringe extraordinariamente a liberdade das confrarias leigas erectas nas egrejas parochiaes, ou nas capellas e oratorios publicos ou particulares, annexos às missas, pois as colloca quasi sob a completa dependencia do parochos no exercicio das funcções ecclesiasticas não parochiaes (1). A razão d'isto é obvia. Estas confrarias ou irmandades, installadas na igreja parochial, devem reconhecer e prestar obsequio ao parochos, não só em razão dos seus direitos, mas tambem, como diz o cardeal Colloredo, em razão do dominio, primado e regimen, que o parochos tem na sua igreja e em todas as partes d'ella.

Por este motivo, continúa o citado auctor, as confrarias annexas às egrejas parochiaes devem de prestar aos parochos todas aquellas deferencias que se exigem dos que moram em casa alheia. (Citado por Bento XIV no logar *supra*).

Achando-se porém estas irmandades erectas seja em egrejas publicas, seja em oratorios publicos ou particulares, separados das egrejas parochiaes, embora situados dentro dos limites da parochia, concede-lhes a igreja uma amplissima liberdade no exercicio das funcções ecclesiasticas, auctorizando

(1) I «An confraternitates laicorum legitime erectae in ecclesiis parochialibus habent dependentiam a parochos in explendis functionibus ecclesiasticis non parochialibus?»
II «An dictae confraternitates erectae in capellis vel oratoriis, tum publicis tum privatis, annexis parochialibus ecclesiis et ab eis dependentibus habeant dictam dependentiam a parochos quoad dictas functiones?» A estas duvidas respondeu a S. C. «Affirmative».

lhes a celebração de todas aquellas que não forem offender os direitos parochiaes. Continuando no mesmo decreto a responder a varias duvidas, a mesma S. Congregação declarou que a benção e a distribuição das veillas (na festa da Purificação da SS. Virgem), da Cinza e dos Ramos, não pertenciam aos direitos parochiaes, assim como tambem o não eram todas as funcções da semana santa (excepto a missa solemne de quinta-feira maior), a celebração das missas solemnes que se celebrem nas festas principaes da irmandade. Declarou a mesma Congregação: que não pertencia aos direitos parochiaes a exposição das Quarenta Horas, e das sagradas reliquias; que nas dictas egrejas podia haver pregações no Advento, e na Quaresma, procissão dentro da igreja, podendo o capellão alli uzar de estola. E mais ainda declara a mesma Congregação que estas funcções podem celebrar-se mesmo contra a vontade dos parochos. (1)

É verdade que alguns canonistas tem pretendido sustentar, que as benções da Cinza, dos Ramos, as missas e veillas solemnes, e outras funcções ecclesiasticas, as quaes, dizem, se não são strictamente pertencentes aos direitos parochiaes, tem com elles alguma conexão; e por tanto não são da attribuição

(1) III «An confraternitates erectae in aliis ecclesiis publicis habeant, quoad easdem functiones, aliquam dependentiam a parochos intra cujus parochiae limites sitae sunt ecclesiae?»

A S. C. respondeu: «Negative».

IV «An confraternitates erectae in oratoriis tum publicis, tum privatis, et junctis ab ecclesiis parochialibus, quoad dictas functiones ecclesiasticas habeant dictam dependentiam a parochos?»

A S. C. respondeu egualmente: «Negative».

V «An benedictiones et distributiones Candelarum, Cinerum et Palmarum sint de jure mere parochialibus?»

A S. C. «Negative».

VII «An functiones omnes Hebdomadae Sanctae sint de jure mere parochialibus?» «Negative, prout jacet».

VIII «An celebratio missae solemnis feriae quintae in Coena Domini sit de dictis jure mere parochialibus?»

«Negative, prout jacet, sed spectare ad parochos».

IX «An celebratio missarum solemniun, per annum, sive pro vivis sive pro defunctis, sit de dictis jure mere parochialibus?»

«Negative, prout jacet; sed licere com fratribus dulcitat in festivitibus solemnioribus ad formam Constitutionis Leonis X, 22 § 14».

XI «An expositio Quadraginta Horarum et benedictio, quae fit super populum, sit de dictis jure mere parochialibus?»

«Negative».

XIII «An functiones in praecedentibus octo dubiis, id est, a dubio quinto ad duodecimum expressae peragi possint in oratoriis privatis, contradicente parochos?»

«Datae provisorum in superioribus» isto que o podiam fazer, visto não ir de encontro aos direitos parochiaes, etc. etc. etc.

ção das confrarias e seus capellães, mas não forem offender os direitos parochos se não prestarem a fazel-as gratuitamente.

No emtanto Bento XIV, rebate com toda a vehemencia uma tal opinião, declarando-a inteiramente contraria à letra do decreto da Congregação e ao fim que ella se propoz, publicando-o. «Attamen—são as suas palavras textuaes—huic adherere sententiae nullo modo possumus, eo quod labefactare prorsus videtur decreta prudentissime confecta et Summi Pontificis auctoritate confirmata.»

Por conseguinte, estando as irmandades installadas em egrejas separadas das parochiaes, podem la celebrar todas as funcções que a S. C. declara que não pertencem aos direitos parochiaes, a não ser, diz o sapientissimo Bento XIV (na obra e logar acima citado), que algum antigo costume ou as constituições diocesanas o prohibam—«nisi vetusta consuetudo aut leges diocesanas eid prohibeant.»

É na verdade, o Cap. fin. de *Officio Archidiaconi* declara que os parochos não-tem senão a exigir das egrejas que estão dentro dos limites da sua parochia a satisfação dos seus direitos parochiaes, sem nenhuma outra dependencia da parte d'estas; e no caso do parochos fazer alguma nova exigencia, deve apresentar as causas e razões porque a faz.

É isto mesmo que observa o Secretario da Congregação do Concilio na *caus. Bononiensis* de 5 de março de 1689, com as seguintes textuaes palavras «Opus est praemittere tanquam «principium indubitatum non solum ab hac Congregatione... sed etiam a «Rota... ecclesias licet fundatas intra «limites ecclesiae parochialis, non esse «huic subjectas nisi quoad jura parochialia, secus autem quoad alia.»

Ora, quaes são os direitos parochiaes, que todas as egrejas da circumscripção parochial devem reconhecer e respeitar?

O insigne canonista Abbas reduz a quatro os direitos parochiaes:

1.º Dizerem os parochos a missa conventual na sua igreja; 2.º darem a communhão pela paschoa, administrar o sagrado Viatico e extrema-unção aos enfermos, e assistir aos casamentos; 3.º dar sepultura aos fleis da sua parochia, quando não tenham determinado sepultura n'outra parte, devendo n'este caso pagar-lhe os emolumentos do costume; 4.º receberem as decimas e oblações do costume.

Do exposto já pôde muito bem ver o nosso illustrado consulente, que, a não haver algum antigo costume em contrario, legitimamente introduzido, ou não determinando outra cousa em con-

trario a constituição da sua diocese, o direito canonico deixa ás irmandades e aos seus capellães uma liberdade bem ampla para celebrarem funcções ecclesiasticas nas suas proprias egrejas, sem que o parochio tenha direito a intervir, e apesar mesmo das suas repugnancias e dos seus protestos.

Acima das ambições e exigencias desarrazoadas dos parochos, está a auctoridade da Egreja, determinando aos parochos e ás confrarias respectivas os seus direitos e os seus mutuos deveres, devendo sempre tanto aquelles como estas esforçar-se por viverem em santa paz e harmonia, para melhor e mais efficaçamente cooperarem para a gloria de Deus e bem das almas, evitando cuidadosamente conflictos desagradaveis, que a maior parte das vezes degeneram em escandalo.

F. A.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

-17.º

CXII

P. Jeronymo Tiraboschi

 or este um dos homens mais sabios dos fins do seculo XVIII, justamente celebrado na republica litteraria pelos seus vastissimos conhecimentos. Nasceu em Bergamo a 28 de dezembro de 1731.

Professando na Ordem de Santo Ignacio, foi d'ella um insigne ornamento; ensinou rhetorica em Milão e em 1770 foi prefeito da bibliotheca de Modena, bibliotheca famosa que conta mais de noventa mil volumes e tres mil manuscritos.

Tiraboschi foi condecorado com o titulo de cavalleiro e conselheiro, e a cidade de Modena o fez inser-ver no catalogo dos seus nobres. Sobreviveu á extincção da Companhia de Jesus, fallecendo a 3 de junho de 1794.

Este sabio jesuita é geralmente considerado como um dos criticos e litteratos mais distinctos; alcançou grande nomeada pela sua *Historia da litteratura italiana*, que consta de 13 volumes, publicados em Modena desde 1771 a 1782. E' uma obra muito interessante e curiosa, cheia de profundas indagações e delicada critica.

Alem d'este trabalho, o P. Jeronymo Tiraboschi escreveu outras muitas obras sobre varios assumptos, principalmente com relação á cidade de

Modena. A collecção completa das suas obras regula por 27 volumes.

Se a cidade de Modena com razão se gloria do grande Moratori, abbede de Santa Maria de Pomposa, não lhe dá menos lustre o jesuita Jeronymo Tiraboschi.

CXIII

P. Manuel de Azevedo

«O sabio jesuita Manuel de Azevedo nasceu na cidade de Coimbra, de paes illustres, no dia 25 de dezembro de 1713, sendo baptisado por seu tio paterno, o prior da egreja de Santa Justa, Sebastião Vieira da Silva.

Tendo entrado na Companhia de Jesus em 19 de novembro de 1728, onde se tornou distincto pelo seu raro saber, publicando varias obras de grande merecimento, foi para Roma em 1733, e adquiriu abi a intima amizade do Papa Bento XIV. Foi insigne professor n'aquella cidade, e exerceu muitos cargos de importancia.

E' admiravel o numero das obras que escreveu este sabio jesuita, muitas das quaes foram impressas em Roma, Veneza e outras cidades da Italia, e outras ficaram manuscritas. Parece incrivel que a vida d'um homem chegasse para tanto!

Depois de viver muitos annos em Roma, passou a Veneza e outras cidades italianas, e por fim veio a fallecer este illustre filho de Coimbra na cidade de Patencia, no dia 2 de abril de 1796, na avançada idade de 83 annos.»

O que fica transcripto é do sr. Joaquim Martins de Carvalho nos seus *Apontamentos para a historia contemporanea*, impressos em 1868. O testemunho é insuspeito; mas convem dizer mais alguma coisa acerca do P. Manuel de Azevedo, distincto religioso da Companhia de Jesus.

Era filho do desembargador José de Azevedo Vieira, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Luiza da Costa Rebello. Foi versadissimo nas linguas grega, latina, italiana, hespanhola e portugueza, e perito em rhetorica, theologia, philosophia, historia ecclesiastica, liturgia e poesia.

Chamado a Roma pelo seu Geral, foi n'aquella curia respeitado de todos os sabios, e logrou a estima de Bento XIV, que em varios breves exalta o seu nome, a sua sciencia e virtudes.

O P. Azevedo publicou as obras do mesmo Pontifice, cheias de vasta erudição e de profundo conhecimento do direito civil e canonico. Compõe-se de 12 grossos volumes. Escreveu, alem d'isso, muitas obras originaes.

Este sabio jesuita tinha sido professor de rhetorica na Universidade de

Evora, e em Roma foi consultor da Congregação dos Ritos.

Note-se agora que em varios libellos, que no tempo do marquez de Pombal se publicaram em Portugal contra os jesuitas, é accusado o P. Manuel de Azevedo de fautor da infame seita dos sigillistas, ou da chamada Jacobea, que se diz ter apparecido no anno de 1744, no reinado de D. João VI

Não ha provas nenhuma d'este facto; é uma das muitas calumnias que então se levantaram aos religiosos da Companhia pelo celebre ministro de D. José I ou por seus agentes.

Sabemos que d'este mesmo crime foi arguido o virtuoso Bispo de Coimbra, D. Miguel de Anunciação, que esteve preso por espaço de nove annos, até o fallecimento de D. José.

Hoje está provado que este dignissimo prelado, bem como outras pessoas de virtude, padeceram injustamente por tal motivo; e ha razões para crer que a chamada seita dos sigillistas ou jacobus foi imaginada, ou mal interpretadas as maximas dos que se diziam seus sequazes.

E' certissimo, porem, que nenhum jesuita se culpou d'esse erro, e muito menos o P. Manuel de Azevedo, escriptor gravissimo, que então se achava em Roma, estimado pelo grande Pontifice Bento XIV.

CXIV

P. Henrique de Carvalho

Ainda que geralmente pouco conhecido dos nossos biographos, o P. Henrique de Carvalho deve ser inscripto n'esta Galeria de varões illustres da Companhia de Jesus, como nosso compatriota, e tambem a fim de rebatermos a má fé dos pombalinos a seu respeito.

Este jesuita não se tornou distincto por seus escriptos, porque poucas obras restam d'elle, o que não quer dizer que não fosse um homem douto, como na realidade foi, e gosou de grande consideração no seu tempo.

Nasceu no lugar de Alvarellios (e não Alvarellios, como alguns dizem), termo da Villa de Oliveira do Conde, na Beira-Alta, a 3 de março de 1677. Era filho de Manuel Gomes de Carvalho e de Isabel Henriques. Entrou na Companhia, em Coimbra, a 18 de abril de 1682. Começou logo desde o seu noviciado a distinguir-se na comprehensao das letras divinas e humanas.

Depois de dictar humanidades no collegio de Lisboa, foi professor de philosophia em Coimbra e de theologia moral na Universidade de Evora e no collegio de Santo Antão.

Por sua sciencia e virtudes foi julgado digno de ser reitor do collegio de

Lisboa, procurador da provincia do Japão, provincial no nosso reino, examinador das tres Ordens militares, e confessor do principe do Brasil, D. José, que depois foi rei.

Morreu no collegio de Santo Antão a 23 de outubro de 1740.

Restam d'elle, alem de obras em poesia, em que foi eminente, duas cartas ao Cardeal Bispo do Algarve, D. José Pereira de Lacerda, que versam sobre a controversia entre aquelle Prelado e os Cistercienses e outros regulares, a respeito de nomear confessores às freiras das suas respectivas Ordens. E' uma obra de direito canonico moral.

Nas *Reflexões ao memorial dos jesuitas*, publicado em 1759, é accusado o P. Henrique de Carvalho de tratar com altivez, com insolencias e diêterios o Cardeal Pereira, com relação á mencionada controversia.

E' uma calumnia; possuímos tudo o que se publicou sobre a questão, tanto pelo Prelado, como pelo P. Carvalho, e, supposto que divergem nos pareceres, ambos discutem e argumentam com urbanidade.

Não tratamos aqui de averiguar qual d'elles está no caminho da verdade; comtudo é falso que o jesuita Carvalho insulte o Cardeal Pereira.

E convem saber que era tão reconhecida a competencia do jesuita para dizer o seu parecer sobre a controversia, que o mesmo Bispo do Algarve consultou a esse respeito. E o P. Carvalho deu francamente, mas com delicadeza, o seu parecer.

E outros escriptores não jesuitas adoptaram a mesma sentença do P. Henrique.

Mas em 1759 só se procurava infamar a Companhia de Jesus, accusando-a de todos os erros e crimes, como diz Santo Affonso de Liguori.

(Continúa)

• P.º Jodo Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

A Inglaterra e o Direito internacional moderno

II

(Continuação do n.º antecedente)

 A muito que aprender com a agitação, que desde o começo do anno perturbou o lethargo em que Portugal jazia immerso. Um dos notaveis ensinamentos d'estes dias nebulosos, foi o conhecimento claro dos verdadeiros amigos da patria, e uma lição mais, uma li-

ção frisantissima, da sinceridade com que nos bemquer a Inglaterra. Desde o fatalissimo tractado de Methven até hoje, as relações entre os dois paizes tem sido uma continuada lesão de nossos direitos, em beneficio da consociedade protestante, que comusco se tem havido com uma astucia de véras lamen-

Seja-nos a historia garante segura de nossas affirmações.

Ubertoso em demasia é este pequeno torrão portuguez, que lucupletando por largo periodo as amplas fauces castelhanas e desde ha dois seculos a voracidade britannica, ainda para muitos é dominio grandemente cobigado.

Em 1686 começou a Inglaterra a lançar olhos para Lourenço Marques. Em 1720 envia de Bombaim uma expedição destinada a senhorear-se d'aquelle porto; vendo porém gorado o intento, recua por um pouco, mas em breve começa a influir nos cafres, indispondo-os contra nós. Em 1782, novamente de Bombaim, joia preciosa que a Carlos II seveu em dote D. Catharina de Bragança (1) sai uma coverta, sob o commando de Burton, com ordem de tomar Lourenço Marques. Em 1790 repetem a incommoda visita, velando o caviloso cumprimento nas dobras da bandeira franceza. Surge o seculo XIX, e caem sobre Goa e Macau os assaltos tendentes a *britannizar* aquelles nossos territorios. Em 1807 é tomada a ilha da Madeira. O anno de 1815 assignala-se pela rebellia dos cafres açulados pelos nossos insaciaveis. Em 1822 é o capitão Owen que nos inquieta; em 1825 volta a pôr-se á capa o mesmo Owen; em 1839 cobre-nos de injurias o parlamento inglez, vingando-nos d'ellas o barão da Ribeira de Sabrosa. Em 1860 mais um ataque a Lourenço Marques por Henry Keppel; em 1861, outro por Walker. Em 1873 intenderam melhor os senhores aliados chamar seu ao cobigado porto, mas o presidente da Republica franceza, marechal Mac-Mahón, nomeado arbitro, decidiu o pleito em nosso favor.

Convicta a Inglaterra que eramos sem coragem assás para nos emanciparmos d'ella, dispöz-se a fazer de nossas colonias possessões britannicas, e, depois das colonias, quem sabe se da metropole.

Provou; gostou; eis tudo.

Perseverante no plano premeditado, ha muito que por toda a parte cura de alliciar a adherencia dos indigenas, auxiliares potentes d'uma annexação definitiva. N'este intuito, envia, como diz o *Correio da Noite*, primeiro o seu mis-

(1) Esta florescente cidade indiana, um dos grandes emporios commerciaes do mundo, conta hoje 800.000 habitantes.

sionario, em seguida o seu consul, e por fim o seu soldado. Entra com pés de lâ, para não darem pela astucia os atilados patriotas, puerilmente entretidos na manufactura de deputados, na caça de sinecuras, ou em quixotismos piegas contra o jesuita, ou as Irmãs de caridade.

Entretanto, Inglaterra, pela calada, prepara habilmente o seu jogo, auxiliada pelos arautos famosos de seus missionarios. Que farte demonstramos em o numero antecedente a vitalidade protestante na provincia de Angola. Quanto a catholicismo, em Moçambique, n'uma das principaes povoações, consoante o testemunho d'um insuspeito, «diz-se missa aos domingos n'um pequeno quarto d'uma casa alugada, assistindo a ella, além dos soldados que vão obrigados, 6 ou 8 pessoas e nada mais. O sino que toca para chamar a missa, é o que está na muralha da fortaleza. a 300 metros da *capella*, e serve igualmente para dar horas, dobrar a defunctos, chamar ao trabalho os operarios das obras publicas, despedil-os, repicar a baptisados e tocar a fogo. E' necessario muita pratica do ouvido, ou muito boa vontade, para se distinguir, na maior ou menor precipitação das badaladas, a significação que lhe quiz imprimir o sineiro fortuito, que pôde ser soldado, apontador ou sacristião!»

Moçambique é portugueza e é catholica; todavia a Inglaterra a traz melhor provida de seu clero, mediante os *missionarios* escocезes de Livingstonia e Blantyre, (1) e na mesma data em que escrevemos uma grande subscrição, aberta entre a aristocracia ingleza, sobe a 450 contos, destinados ás missões anglicanas do lago Nyassa e do Chire. Grande numero de jovens, das principaes familias, destinam-se a ir, n'aquellas regiões, missionar e espalhar a plenas mãos as suas truncadas e falsificadas Biblias. De sobrejo conhecem pois os estadistas d'além-Mancha, quanto a influencia religiosa aplanar os caminhos para a influencia politica, em cujo proceder vão consentaneos com a Republica franceza, que protege os missionarios da Argelia, do Gabon, de Madagascar, do Tong-king, da Guyana, da Turquia, da Syria; com os da Hollanda, que

(1) Diz o *Novo Mensageiro*, pag. 165 e seg.: «Haverá dez, quinze, vinte e mais annos liamos a cada passo nos periodicos officiaes do governo portuguez:—Chegaram a Moçambique, a Quelimane, etc. tantos missionarios protestantes inglezes. Por portaria do governo suas bagagens foram dispensadas de pagar direitos na alfandega e deu-lhes toda a proteção, sendo recomendados aos capitães-móres, etc.» Agradeçam os patriotas aos governos d'esse tempo a traição que praticaram, cujas nefastas consequencias se estão vendo agora, e mais se continuarão a ver para futuro.



A HISTORIA CONTADA AOS NETOS

subvenciona e concede passagens gratuitas aos membros das Ordens religiosas para as possessões asiáticas e oceánicas; com os da Dinamarca, que se não assustam em ver os benemeritos padres da Companhia de Jesus pregarem na propria capital; com os da Alemanha, cujo chanceller, o principe de Bismark (1), incumbiu recentemente ao snr. Schloezer de significar a S. Em. o Cardeal Rampolla, quanto o governo prussiano veria com agrado o estabelecimento das missões catholicas nas colonias allemãs, sendo alli honrosamente acolhidas todas as congregações, sem distincção, sob a protecção segura dos poderes do Estado. A mesma Italia, ainda durante o governo de Cavour, Cairoli e Gioberti, não se dedignava de valer-se francamente da efficacia do elemento religioso para sustentar sua influencia externa. Se na intenção não eram catholicas, na acção, ao menos, deixavam campo aberto aos disseminadores da *Bona Nova*. Sem coragem bastante para devéras partilhar da communhão christã, sobejava-lhes timo para serem ao menos, n'este assumpto, sufficientemente politicas.

Com Portugal não tem sido assim, ou não o foi por dilatado periodo. Governo impiamente liberal como nas demais nações, mas governo traidor á patria mais que nenhum outro. É a NAÇÃO UNICA, cuja sciencia de governar não alcançou ainda a verdadeira noção colonisadora, ou a esqueceu vergonhosamente, pois nossos maiores a exerceram de modo admiravel, ou a conculcou com traidora infamia, influenciada do miseravel *livre pensadeirismo*, que onde vê uma cruz, um sacerdote, um frade, um homem qualquer que os não acompahe no desvario doutrinario, ou na acção que o concretiza, vê uma entidade que lhe incute umas violentas iras como as de Catão quando discursava com respeito a Carthago.

Perante a Europa, que podia deter a Inglaterra na excessiva dilatação colonial, postou-se esta, involta nos cavilhosos principios do direito. A NÃO INTERVENÇÃO, e a POSSE REAL E EFFECTIVA, é a poeira atirada aos olhos das nações e o exacto cumprimento do tractado de Methuen, em que a Inglaterra affirmou

(1) Depois da guerra franco-prussiana, o grande politico voltou as suas iras contra os catholicos. Foi n'esse tempo publicada uma expressiva caricatura, representando o chanceller, de camartello em punho, desmoroando afanoamente a Igreja, e ao lado Satanaz, a olhal-o de soslaio e a murmurar: *Se a derribas, cedo-te o meu logar no inferno*. Bismark não está convertido; está comtudo convenido que elle passará e a Igreja fica. Por isso, não poucas vezes lhe tem pedido auxilio, como agora lh'o está pedindo. Antes se quer entre os braços dos catholicos que entre os dos socialistas.

tomar a peito os negocios e interesses de Portugal e de todos os seus dominios.

No proximo numero veremos que o meio unico de nos salvarmos, será a colonisação, a colonisação pelo clero, sobre tudo pelo clero regular.



O Seminario de Santo Antonio e S. Luiz em Braga

TRANSCREVEMOS do *Amigo da Religião*:

Preparar materiaes á boa sociedade, eis uma das acções mais dignas do homem, e que mais o exalçam.

Acalentar esperanças no coração dos infelizes, eis o que captiva.

Guiar os passos no campo da indigência, eis o que lisongea.

Timonear a barca ao porto de salvação, eis o que sublima.

Esta empreza vemol-a encetada pelo illustrado e virtuoso sacerdote Padre Joaquim Lopes.

É o homem que actualmente se aventurou a uma empreza laboriosa e arriscada, mas que, levando n'uma das mãos a Fé, na outra a Esperança, e no coração a Caridade, lá vai, atravez acerrimos obstaculos, guiando o baixel, que lançara no mar da Esperança, até o depositar nos braços amigos da Caridade.

É difficil a empreza, mas grande o triumpho; é asperrimo o solo a trilhar, mas gloriosa a corôa a ciugir.

É sublime a empreza, porque sublime e indizível é o fim.

Crear o bom padre é concorrer para o progresso moral e civil da sociedade; é constituir a solida e verdadeira sociedade; é levar o homem ao conseguimento do fim ultimo, pelo conseguimento dos fins relativos.

Crear o bom padre é dizer com *La Mennais*:

«Um padre é por dever o amigo, a providencia de todos os infelizes, o consolador dos allictos, o defensor do impotente, o apoio da viuva, o pae do orphãosinho, o reparador de todos os males, causas de vossas paixões e funestas doutrinas; toda a sua vida é dedicada á felicidade de seus semelhantes.

Quem de vós consentiria trocar, como elle, as alegrias domesticas, todos os gosos, todos os bens, que os homens avidamente procuram, por trabalhos acerrimos, deveres arduos, funcções onerosas, de cujo exercicio muitas vezes resta apenas o desdem, a ingratição, o insulto?

Ainda vos achades mergulhados n'um profundo somno, e já o homem da ca-

ridade, precedendo a aurora, tem recommçado o curso de suas beneficis obras; já tem consolado o pobre, visitado o enfermo, experimentado os choros do infortunio ou feito correr os do arrependimento, instruido o ignorante, fortificado o fraco, fortalecido na virtude as almas atribuladas pela tempestade das paixões.

Após um labutar continuo, eis que chega a noute, mas não o repouso. No momento em que o prazer vos chama aos theatros e divertimentos, n'esse mesmo momento é solicitado o ministro sagrado; um christão acha-se as portas da morte. Não importa. O bom pastor não deixará expirar sua ovelha, sem os ultimos confortos da Religião.

Crear o bom padre é crear o bom missionario, porque o «missionario, diz *M. Vuillot*, despede-se de tudo. Morre primeiramente para a sua familia, seguindo a carne, porque provavelmente não tornará a vê-la. Morre para a sua patria; irá para uma terra distante, onde nem os ceos, nem a terra, nem a lingua, nem os usos lhe lembrarão a terra natalicia, onde o homem nada tem de commum com os homens, que conheceu, a não ser o vicio e a miseria mais lastimosa.

E quando estas duas mortes se consummarem, ha outra que não se operará de uma vez, mas que será de todos os momentos, até á hora derradeira do seu ultimo dia; deverá morrer para si mesmo; não só privando-se de todas as delicadezas e necessidades do corpo, mas de todas as reclamações do coração e do espirito. O missionario não tem amigo, confidente espiritual, soccorros permanentes e faceis; e até na hora da morte se vê privado d'uma sepultura em terra sagrada.»

«Que um homem, em face das multitudes, dos parentes e amigos, se exponha á morte em pró da patria, e troque alguns dias de vida por seculos de gloria, isso importa lustre, augmento de bens e de honras á sua familia. Mas o missionario, cuja vida se consome no imo espesso das florestas, que morre de horrivel morte sem espectadores, sem applausos, sem vantagens para os seus, obscuro, desprezado, alcunhado de demente, de inepto, de fanatico, e tudo isto por dar eterna felicidade a um selvagem incognito... que nome se ha de dar a esta morte, a este sacrificio?!

Crear o bom padre é dizer com *Victor Hugo*: «Quantos quadros se podem desenhar desde o parochio da aldeia até ao pontilice que cinge a triplice corôa pastoral; desde o cura da cidade até ao anachoreta do penhasco; desde o cartuxo e o trapista até ao douto beneditino; desde o missionario

e a multidão de religiosos consagrados aos males da humanidade, até ao propheta da antiga Sion!... o padre christão pôde representar uma das mais importantes figuras da epopœa.»

Crear o bom padre é, emfim, fallar com Shakespeare, Richardson e Goldsmith.

Conseguir isto, é tecer o maior elogio ao Fundador e Director do nascente, mas esperançoso, Seminario de Santo Antonio e S. Luiz; é offerecer-lhe o mais formoso *bouquet*, em signal de parabem, é engrandecel-o, nobilita-o, animal-o ao conseguimento do seu fim.

Mas se a gloria é grande, d'essa gloria partilharão as almas caritativas, que o ajudarem a arrostar os obstaculos presentados ao seu incessante caminhar.

E' a essas almas caritativas que eu dirijo estas ultimas palavras, devidas á penna d'um escriptor illustre: «A caridade, filha de Jesus Christo, quer dizer, ao pé da lettra, *graça e jubilo*. A Religião, querendo reformar o coração humano, e inclinar para a virtude as nossas afeições e ternuras, inventou uma nova *paixão*: não quiz para exprimir-a a palavra «amor», que é apoucada em gravidade; não quiz «amizade», que se esvae no tumulto; não quiz «piedade», porque é visinha do orgulho: achou a expressão *charitas* «caridade» que abrange as tres primeiras, e tem ao mesmo tempo o quer que seja de celeste. Pela caridade, dirige nossos pensamentos para o céu, depurando-os e reportando-os ao Creador. Pela caridade nos ensina a maravilhosa verdade de que os homens se devem amar.»

E' com esta virtude, caros leitores, que o Padre Lopes caminha; é com ella que elle se nos apresenta; fechar-lhe a porta é uma ingratidão; dar-lhe uma esmola é entesourar riquezas no céu.

Braga—10-2-90.

J. R. M.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Ruinas d'um convento

(Vid. p. 105)

Or um dia de maio (1), dia formosissimo, como tanta vez Deus os concede ao nosso risonho Portugal. Planeou-se passeio ao visio da serra, onde havia o convento de S. Francisco, e eis-nos costa a cima com agilidade facil e a alegria prompta dos vinte annos.

Que bellezas! um mar de verdura vestindo os seios do valle de nascente a poente; o rio esperguçando-se manço

(1) Historico.

e sonoro no leito das campinas; no oceano, além, as ondas prateadas, n'uma lucta continua, como a ver qual mais apanha os beijos quentes do sol que incide sobre ellas. As aves, as auroras, o mar, formavam uma orchestra celestial.

A meia encosta depara-se com os muros da cerca, abertos aqui e além, em brechas descommunes, praticadas pelo camartello do tempo. Cedros tombando, robles caducos, socalcos em terra, fontes obstruidas, estatuas truncadas, a casa como a pinta a gravura, e, após, o templo, aquelle sacrosanto logar, onde por seculos, velado pelos filhos do Pobre de Assis, teve morada de affectos o Verbo de Deus, o Filho do Eterno, o Juiz supremo, o Auctor dos Céos e da terra, o Redemptor nosso! D'alli o expelliram os homens com o desplante persago da impiedade moderna, que diz: «Nada de Deus sobre a terra!»

No altar-mór as aranhas, mais compadecidas que os homens, teceram um retabulo a involver o camarim; do lado da Epistola uma Virgem Dolorosa, de tamanho natural, coberta de pó, vestes rotas e putridas, settas partidas; do Evangelho, um Christo agonizante com um sulco de lama, alcançando da face a extremidade dos pés; o pavimento socavado; o tecto com largas fendas a mostrarem o vigamento; ao fundo montes de palha, madeiras, utensilios agricolas!

Não nos lembra, nas varias phases de nossa vida, de momentos mais dolorosos que este. Rogamos a Deus perdão para os auctores de tanto desacato e á pressa retiramo'-nos d'aquelle sitio de tão pungentes impressões, protestando não voltar alli mais.

A historia ensinada aos netos

(Vid p. 111)

Não ha eschola como a dos paes. Ninguem como elles prende a attenção dos jovens que aprendem; ninguem como elles grava tão fundo n'alma as verdades que enuncia; ninguem como elles procura exterminar o erro e colher conclusões praticas da preciosa logica dos factos.

Feliz a juventude e a infancia, quando lhe ensaia os passos no grande theatro do mundo a voz sincera e franca d'um veneravel progenitor.

A nossa correctissima gravura reproduz um d'esses quadros familiares, de que amiude se encontra exemplo no viver simples das nossas aldeas, mas raros, muito raros, no torvelinho irrequieto das cidades, onde a vida não sendo já a vida encantadora de familia,

é a vida dissipada e viciosa do club, do theatro, do botequim ou das praças.

Que relata ao bando gracioso que o rodeia o nosso respeitavel anção? De certo, algum episodio da ultima guerra civil, em que talvez tomou parte, e conclue dizendo aos irmãosinhos que sejam sempre amigos, amigos devéras, pois que as desintelligencias fraternaes são sempre origem de males gravissimos, de peccados repetidos, castigados por Deus, como castigou em Caim.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



† PADRE Camillo Antonio de Fontoura Carneiro, de Bragança, tocou o termo de sua viagem, deixando feridos de profunda saudade, aquelles que de perto conheceram as nobres qualidades do respeitavel sacerdote. As lagrimas derramadas em seu passamento testemunham o affecto que em todos soube captivar. Ministro da Egreja, conceda-lhe clemencia o Altissimo, ao pesar na indefectivel balança as acções d'aquelle que é hoje *in terra viventium*.

--Em Cedrim, concelho de Sever do Vouga, repleta d'annos e virtudes, adormeceu na paz do Senhor a mãe do nosso digno assignante, o R. Padre Joaquim Tavares Dias. Esperamos lhe seja propicio aquelle Sangue precioso, derramado abundantemente como prova d'uma misericordia que não conhece limites.

—N'esta cidade falleceu D. Anna Dias Pereira, mãe do nosso digno e veneravel amigo o R. Padre Joaquim Martins Pereira. Costumado desde nossa primeira infancia a contemplar a fé vigorosa e estremada caridade d'aquella venturosa mãe, que viu precederem-na, com a morte dos justos, no caminho do Céu, a quatro de seus filhos, e deixados, animados a trilharem-n'o com igual firmeza, não é sem magua sentidissima que gravamos aqui a expressão de nossa viva saudade.

Ao nosso amigo o abraço sincero de nosso pesame; a ella, as nossas orações.

Dos nossos leitores esperamos continuem perpetuando, com zelo christião, o devoto costume de solfragarem fervorosamente as almas dos nossos irmãos chamados ao tribunal de Deus.

D. P.

SECÇÃO LITTERARIA

CONSOLAÇÕES

De um anjo do ceo a sua mãe da terra

A minha mulher

(Imitação d'uma poesia franceza)

Mamã, foram cruéis para o teu seio as horas
Do derradoiro e doloroso adeus...
Mas que então dirigi rapido vôo ignoras
Com alvissimas azas ao bom Deus?

Os cherubins com mil bandeiras esplendentes
A receber-me vi ledos correr;
Os beijos recebi de irmãosinhos ridentes,
Que era um encanto, de formosos, ver!

Pozeram logo eili na frente de teu filho
De rosas immortaes c'rona louçã.
Oh! que não possas ver todo este immenso brilho!
Mas um dia o verás, torna mamã...

Depois Dama gentil, de fronto nobre e pura,
Bondosa e de olhar meigo como o teu,
Nos braços me tomou, mo disse com ternura:
«Serás agora, anjinho, filho meu.

«Na terra tua mãe se carpe e a dor supporta
«De não ver junto a si seu cherubim;
«Mas de secreto eu sei balaemo que conforta,
«E hei mitigar-lhe a fuauda angustia ullim.»

Muito soffres, mamã, mas tua pena amara
E' preciosa ao Rei dos reis, Jesus:
Bem sabes que tambem Elle tinha Mão chura
Que turbada chorava aos pés da cruz.

Depois, ignoras tu que em rica taça de ouro
Recolhe com respeito anjo de amor
As gotas do teu pranto, e que no seu thesouro
Carinhoso as depõe Nosso Senhor?

Ama-se mais no ceo que na terra mesquinha:
E os dias todos vezes mil aqui
Na minha com prazer penso doces mãesinha,
E amo-a, quero-lhe mais que outr'ora ahi...

Oh! sim, amo-te muito, ao pae affectuoso
E aos dois queridos irmãosinhos meus,
—Nomes que em minha prece eu quero fervoroso
Estreitamente unir aos pés de Deus.

Ensinaram-me aqui do Eterno a magestade
A cantar e os louvores immortaes;
Co'os anjinhos travei dulcissimas amizade,
E jogo co'elles jogos celestiaes.

Em perennes jardins de flores olorosas
Passa o nooso gentil, lido folgar;
E eu entre ellas, mamã, ascolto as mais formosas
Para ti, quando ao ceo te vir chegar.

Uma graça a Jesus, tam bom, que mo ama tanto,
Um d'estes dias pedirei com fé:
Do teu ir occupar n'ajo custodio e santo
O ditoso lugar de ti ao pé.

Então, de ti não visto, amada, hei de fazer-te
De teu filho a presença presentir,
Pois quero em doce sonho a miudo apparecer-te
Quando o somno cerrar-te os olhos vir.

Susta o pranto, mamã... que um dia no seu seio
Ha de unir-nos a todos o Senhor,
E, p'ra sempre feliz, não mais terás receio
De que me roubeu ao teu santo amor.

A. Moreira Bello.

SECÇÃO DE COMMUNICADOS

O dia 4 de fevereiro de 1890
no Seminario d'Angra

ATS uma vez deu a mocidade es-
tudiosa do Seminario d'Angra
provas exuberantes do seu res-
peito e amôr filial para com o
Ex.^{mo} Adjuncto ao Vice-Reitor Conego
Dr. João Paulino d'Azevedo e Castro, no
dia do seu anniversario natalicio; mais
uma vez patenteou evidentemente as
indiziveis sympathias de que gosa Sua
Ex.^a

Despontou o dia 4 de fevereiro todo
risouho para os seminaristas, que anhe-
lantemente o esperavam. Foi Sua Ex.^a
despertado por uma orchestra compos-
ta d'alguns alumnos, que á sua porta
tocou um hymno, que, havia dois an-
nos, lhe tinha sido offerecido em iden-
tica occasião.

Por ser o dia 4, a primeira terça-
feira do mez, dia em que se faz a de-
voção do Angelico S. Luiz de Gonzaga,
os seminaristas haviam se preparado
para uma communhão geral, em conse-
quencia de o terem como seu protector.
Sua Ex.^a antes de celebrar a missa di-
rigiu-se á comunidade e pediu-lhe ar-
dentemente que o recommendasse a
Deus nas suas orações, dizendo ser esta
a manifestação de que mais fructos po-
dia usufruir e que mais lhe era grata.
Em seguida um dos seminaristas mais
adeantado no curso, tomou a palavra e
manifestou de quanta alegria estava
repleto o seu coração, por ter um di-
rector, que tão sabia e prudentemente
tem desempenhado o seu ministerio, e
ao mesmo tempo supplicou aos seus
collegas que participassem dos seus
sentimentos, que eram—offerecer as
suas orações ao Todo Poderoso pela
conservação da saude e felicidades de
Sua Ex.^a

Em todos se divisava um semblante
de extremo contentamento e todos, pos-
suidos dos mesmos sentimentos, com-
mungaram.

Na occasião do jantar, que foi varia-
do, fallou o Rev. Prefeito, que presidia
ao acto, enaltecendo as qualidades de
Sua Ex.^a, e por fim levantou um enthu-
siastico salvê, que os seminaristas ju-
bilosamente acompanharam.

Em continete agradeceu S. Ex.^a tam-
manhas demonstraões e fez varios
brindes, entre estes, um ás familias
dos seminaristas e outro a Sua Ex.^a
Rev.^{ma} o Sr. Bispo d'Angra, que se
acha actualmente na Villa da Chamusca.

A' noute uma esplendida illuminação
deslumbrava a parte nobre do edificio,
onde numerosos balões venezianos,
n'uma symetria risonha, desabrocha-
vam como rosas de luz no tecto dos

espaços corredores. Liam-se por so-
bre as portas das cellas, disticos de
côres variegadas, allusivos áquelle dia
e a Sua Ex.^a Lindos festões de verdu-
ra, cercados por graciosos arabescos
d'hera, revestiam as paredes. As por-
tadas do aposento de Sua Ex.^a, onde
pendiam finos reposteiros, estavam ar-
tisticamente ornadas com luzes e bou-
quets, produzindo um effeito agradabi-
lissimo.

Achavam-se presentes alguns cava-
lheiros da cidade que tinham vindo fe-
licitar Sua Ex.^a

Durante alguns intervallos tocou a
orchestra varias peças e o hymno de
Sua Ex.^a que os musicos acompanha-
ram com a letra propria.

Fallaram alguns seminaristas, entre
estes o alumno José Osorio Goulart, que
já por diferentes vezes tem mostrado
as excellentes vibraões da sua lyra
mimosas, recitou, quasi d'improviso, a
seguinte poesia, cujos ultimos assentos
foram abafados por freneticos applau-
sos:

Como uma alluvião d'aves em debandada,
que soltam pelo ar os cantos d'alvorada,
os nossos corações vôam eletrizados.—
Lá vão nas regiões do jubilo levados,
soitando um canto alegre entre nuvens de gloria.
Esse canto — é um hymno, esse hymno — uma victoria!
Mas quem pôde alcançar esse triumpho bello?
Foi um genio bondoso, um coração singello,
uma alma luminosa, um peito venerando...
foi aquelle que nós estamos festejando;
e no seu coração — oceano de bondade,
doce como o prazer, terno como a sandade,
ha um poema gentil, cheio de resplendencia!
cujas estrophes são: — a virtude e a sciencia,
Eis pois o seu perfil: — E' virtuoso e sabio.
Que maximas contem o seu prudente labio!

Trinta oito annos ha que viu a luz do dia,
e essa vida tem sido um trino de harmonia!
O archanjo da innocencia ao sorrir da manhã
derramou-lhe no berço a magia louçã;
e elle é um grande exemplo, — o exemplo colossal,
forte como o dever, vivo como o crystal!
A sua vida exhala um perfume suave,
tão sereno e subtil como um gorgeio d'ave.
A sua alma sorri n'uma alegria franca,
crystallina e gentil, como uma rosa branca.
E' por isso que nós, — os soldados da cruz,
sandamos o que é Pae, o que é Mestre, o que é Lus!
Corações juvenis, ó almas de saphira,
repeti com ardôr os sons da minha lyra: —
Salvê, dia festival,
Cheio de Gloria eternal!

Durante o dia subiu ao ar um gran-
de numero de foguetes. Tudo era ale-
gria, tudo contentamento; não havia
uma nota unica que destoasse.

Quatro de fevereiro correu todo re-
pleto de regosijo e do mais vivo enthu-
siasmo; em cada seminarista palpi-
tava um coração de filho obediente e
em Sua Ex.^a o de pae affectuoso e ex-
tremamente dedicado.

F. V. B.

RETROSPECTO

De Roma. — Sua Sanctidade, em 2 de
março, seu anniversario natalicio, re-

cebeu os Em.^{mos} Cardeaes e demais preladados assistentes em Roma. O sr. Cardeal Monaco La Valetta, em nome do sacro collegio, leu uma mensagem significativa do jubilo do povo christão pela conservação da preciosa vida de Sua Sanctidade. O venerando Pontífice, respondendo, declarou considerar este dia solemne como novo aviso da Providencia sobre a conta de seus dias, mas que no emtanto em extremo se consolava por os ver consagrados à gloria de Deus e ao bem da Egreja. Manifestou quanto lhe andava na mente a questão social, esperando em breve consagrar seus cuidados à solução d'ella, e recommendando a tomassem a peito quantos desempenham o munus de governarem os povos.

Deus conceda a S. Sanctidade prolongada vida.

S. José.—A Encyclica do Sanctissimo Padre Leão XIII, de 15 d'agosto ultimo, rematava com as seguintes notaveis palavras, que hom era as gravassem fundamentalmente nossos leitores no coração e na memoria: *Onde o dia dezenove de março, consagrado a S. José, não estiver comprehendido entre os dias sanctos de guarda, exhortamos a todos que se não recusem a sanctificar aquelle dia em honra do celestial Padroeiro, quanto possa ser, com actos de particular piedade, como se fôra dia sancto de preceito.* Ao entibiamiento da fé, que envaldava todos os animos, acudiu o Soberano Pontífice Pio IX, de saudosissima memoria com a preciosa devoção à Sancta Mãe de Deus, merecendo por isso ser cognominado o Pontífice da Immaculada, e com outra devoção, immediatamente preciosa, a do sancto Patriarcha S. José, elegendo-o em, 8 de dezembro de 1870, Padroeiro da Egreja Universal. Seu venerando successor, o immortal Leão XIII, o Pontífice do Rosario, consentaneo com o plano regenerador do ultimo Pontífice, aggregou igualmente à devoção a Maria a devoção a seu augustissimo Esposo, recommendando-o especialmente à piedade dos fleis, como exemplar perfeitissimo, por onde podem aferir seu proceder os paes, os esposos, as donzellas, os nobres, os ricos, os proletarios, os artifices, todos emfim, qualquer que seja o grau social em que se achem collocados.

Em face dos desejos claramente manifestados pelos Summos Pontífices, já que, ao contrario do povo hespanhol, nos descuidamos de implorar fosse em nosso reino considerado este dia de guarda, é pelo menos muito para desejar e louvar não se esqueça ninguem de solemnizar devotamente o anniversario d'Aquella «que se Deus à Virgem o deu por Esposo, de certo lh'o deu para que fosse não somente companheiro da vida, testemunha da virgin-

dade, protector da honestidade, mas tambem participante da sua dignidade excelsa, mediante o vinculo conjugal.»

Joanna d'Arc.—A heroína franceza, nascida em Domremy (baixa Lorena) em 1409, a defensora d'Orleans, a quem obedeceu Carlos VII, e perante a qual se curvaram os generaes do exercito francez, a enviada do céu, em cuja presença fogem espavoridos os exercitos inimigos, derrotados em Patay, Chalons, Troyes, Champagne, Picardie e Compiegne, a que havia de ser insultada por Voltaire, o francez que maior damno fez à sua patria, e vingada pelos contreraneos leaes, que solicitam actualmente sua canonisação, Joanna d'Arc emfim, a futura padroeira da nação christianissima, como é de esperar, vai ter nobilitada a sua memoria por um monumento notavel, emprehendido por Monsenhor Pagis, eminente bispo de Verdun. O monumento será exacto em Vaucouleurs, sobre uma collina sobranceira à cidade, d'onde se descobre o valle do Meuse, e em cujas proximidades existem ainda as ruinas d'uma capella onde Joanna d'Arc costumava orar.

Conversão em Lourdes.—Uma dama ingleza, protestante, acommettida de mal gravissimo, recorreu a todos os meios da sciencia, anceosa de o debellar. Bem depressa porém mostrou a sciencia a inefficacia de seus poderes, e a pobre senhora, havendo noticia dos prodigios de Lourdes, decidiu-se, embora publicana, de valer-se d'elles vin do procural-os no mez de agosto.

Ao mesmo tempo que o vigor da saude reanimava seu corpo, o influxo da graça inundava sua alma. Graças ao céu!

Instruida nos dogmas da fé, no mez ultimo, aproximava-se pela primeira vez, na Basilica de Lourdes, da sagra-da meza da communhão, animada d'uma alegria desconhecida que se manifestara por torrentes de lagrimas consoladoras.

Conversões a hora ultima.—Um distincto magistrado, conhecido pela incredulidade de toda a sua vida, vendo-se gravemente inferno, mandou chamar um sacerdote, que ao ver-se em sua presença não pôde occultar o assombro que o dominava.—«Comprehendo bem a surpresa que vos causo, apresentou-se a dizer o doente. Foi para confessar-me que vos chamei; e é justo que principie por declarar-vos que tendo sido assás *libertino* para desejar que a religião fosse falsa, nunca fui assás demente para crer em tal.» Confessou-se com verdadeira contricção, recebeu a sagrada Eucharistia, e após longos sofrimentos falleceu na paz do Senhor.

Uma joven antevia proximo o termo fatal. Apenas algumas horas lhe restavam de vida sobre a terra. Chamou por

seu pae, incredulo e athéo, e pegando-lhe na mão, perguntou: «Meu pae, alguns minutos mais e terei fallecido. Digame pois seriamente, francamente, se devo acreditar o que tantas vezes me tem affirmado da existencia de Deus, do céu e do inferno, ou se heide acreditar no catecismo que minha mãe me ensinou?» Estas palavras foram um raio despedido sobre o miseravel athéo, que, inclinando-se para a moribunda, murmurou por entre mal abafados suspiros: «Minha filha, minha querida filha, tem como certo *sómente* o que tua mãe te ensinou.»

Foi pois vergado tambem ás impressões da hora ultima, em que a paixão succumbe e a Verdade triumphá, que o general Pasi, primeiro ajudante de campo do rei Humberto, o deputado Pavesi, braço direito de Crispi, o marquez d'Origo, escudeiro da casa real, e Marini, embaixador francez juncto do Quirinal, renunciaram a seu proceder anti-christão e acolheram-se sollicitamente aos braços maternas da Egreja, fallecendo com signaes efficazes de sincera contricção, o que muito edificou os catholicos italianos e em extremo confundiu os miseros livres-pensadores.

Um jesuita doutor.—Na Universidade de Leyden (Hollanda) tomou o grau de doutor um joven jesuita, que se apresentou no acto com os seus habitos talarés. Os cathedricos ficaram maravilhados do saber e eloquencia do candidato, cumprimentando-o com vivo entusiasmo, distinguindo-se entre todos o reitor, apezar de protestante. Se o facto se desse em Portugal, seria de tamanho espanto como a descoberta, não da lanterna bruxuleante do arco de S. Sebastião, mas d'um planeta que pela primeira vez se contemplasse no espaço. Nada admira pois, que como ao leão da fabula, venha o cavallo, o boi, o lobo e o mesmo burro pespegar seu insulto ao pobre Portugal, que é, realmente, uma terra de escravos.

Eleições na Allemanha.—O partido catholico mostrou quanta vitalidade o anima. N'uma nação protestante é elle que obtem maioria, uma maioria consoladora. Venceu em 91 circulos, não contando os 28 alsacianos e polacos, nem aquelles em que houve empate, muitos dos quaes se espera venham augmentar o partido da ordem.

O apparatus bellico, postado para intimidar em derredor da urna, não desviou os intrepidos do cumprimento de seus deveres. Até ao presente nunca o centro attingiu uma imponencia igual, em presença da qual varias considerações terão feito o velho chancellor e o novel imperador. Pela Alsacia, foram eleitos sete sacerdotes. Por outro lado, o socialismo tomou um desenvolvimento inesperado, levando d'esta vez à ca-

mara notavel numero de representan-tes. Que fará Bismark?... Os ullimos telegrammas revellam o proposito de abandonar o poder.

Nihilismo.—Cresce dia a dia na Russia. S. Petersburgo estremece debaixo de um volcão que ameaça explodir d'um momento para outro. Nas adjacencias do palacio imperial teem se effectuado numerosas prisões: a força physica pode sustener por algum tempo os effeitos da idéa má, mas não mata a idéa. Esta pode apenas ser vencida pela idéa boa, a qual os poderes do Estado se não decidem a abraçar definitivamente.

Actividade catholica.—Os tres ultimos annos foram de verdadeiro progresso para o catholicismo. Quasi um milhão mais de fleis temos a contar no gremio da Igreja. O augmento na Europa foi de 118:553; na Asia, de 87:113; na America, de 486:861; e na Oceania, de 142:807.—O shah da Persia, depois do regresso aos seus estados, iniciou uma phase de tranquillidade para os catholicos concedendo-lhes valiosissima protecção, obtendo em recompensa ser condecorado por S. Santidade com a Cruz da Ordem de Pio IX.—A republica do Chili, que em seu proceder pode servir de modelo a muitas monar-

chias, intenta realizar o projecto de erigir, no cume do monte Carmello, uma estatua á Sanctissima Virgem, padroeira dos exercitos chilenos. Foi a estatua encommendada em Pariz por commissarios do governo que, de harmonia com os religiosos do Carmello, estudam o plano do monumento, no centro de cujo pedestal tomará logar d'honra o brazão da catholica republica americana.

Março—7.

M. F.

ANNUNCIOS Praticas

Sobre os MANDAMENTOS e sobre outros pontos de doutrina christã, por um Parocho

(Compostas para poderem ser lidas ao povo servindo de instrucção e exhortação espiritual) e approvadas pelo Ex.^{mo} e R.^{mo} Bispo de Vizeu, e recommendadas.

Um volume. 200 reis

Pedidos com a importancia ao Padre Custodio José da Fonseca Bastos, abbade de Pecegueiro—correio de Pecegueiro.

O MEZ DE S. JOSE

A VIOLETA DE MARÇO

VERTIDO D'UM LIVRO ALLEMÃO

POR CARLOS H. PIEPER

REVISTO PELO

*dr. theologo Domingos de Souza
Moreira Freire*

Com permissão do Em.^{mo} Snr. Cardeal
D. Americo, Bispo do Porto

Editor, José Fructuoso da Fonseca

PREÇO, encadernado 160 REIS

A' VENDA

EM GUIMARÃES—Na livraria Internacional de Teixeira de Freitas, successores.

LA BORDADORA

Publicação summamente util e indispensavel a todas as sr.^{as} Professoras e amadoras, que desejem estar em dia com os progressos d'este ramo de labores. Barcelona.

Assigna-se na Livraria dos successores de Teixeira de Freitas, rua de S. Damaso, 5 a 9, Guimarães.

A ROMA!

(NARRATIVAS DE VIAGEM)

PELO

PADRE MARTINS CAPELLA

1 volume—500 réis

EMPRESA EDITORA DE FRANCISCO ARTHUR DA SILVA — RUA DOS DOURADORES, 72 — LISBOA

Manual do Christianismo

UNICO LIVRO DE RESAS APPROVADO E ESPECIALMENTE RECOMMENDADO PARA USO DOS FIEIS

Pelo Ex.^{mo} Arcebispo de Mitylene no impedimento do Em.^{mo} Cardeal Patriarcha de Lisboa
Pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Bispo d'Angola e Congo, actual Patriarcha de Lisboa, que concedeu por cada dia

40 dias de indulgencias a quem fizer uso de tão util e piedoso repertorio

Pelos Em.^{mos} e Ex.^{mos} Prelados Cardeal Bispo do Porto; Arcebispos: Primaz de Braga; de Evora;

Bispos: Coude de Coimbra; de Lamego; de Angra; do Funchal; de Cabo Verde;

Vigarios Capitulares: de Vizeu; da Guarda; de Portalegre; de Leiria; de Faro.

Ordenado e consideravelmente augmentado pelo rev.^{mo} Padre Prospero Luiz Peragallo, Cura da Igreja de Nossa Senhora do Loreto, de Lisboa, e por A. da Silveira Pinto, Commendador da Ordem de S. Gregorio Magno, de Roma.

NONA EDIÇÃO

Fórma este precioso livro um elegante volume in-32.^o—de 936 paginas, nitidamente impresso em bom papel—contendo: 1.^o Grande numero de orações indulgenciadas para todas as devoções—2.^o Parochiano Romano, comprehendendo todas as Missas dos Domingos, e as das Festas de Christo, da Virgem Maria, e dos principaes Santos de maior devoção.—3.^o Os Officios e Missas da Semana Santa, na sua integra.—Um lindo frontespicio colorido, com 10 gravuras e muitos emblemas religiosos.

IMPORTANTE—Não se confunda este livro de resa com os publicados até hoje, por ser este o mais completo e unico que reúne o conteúdo de tres livros.

Grande variedade de encadernações para todos os preços

Carneira, 600; Percoline, 700; Marroquim, 800; dourado por folhas, 1,800; com feixo, 1,300; com cantos e feixo, 1,300; com cantos, emblemas e feixo, 1,300 e 1,500; Chagrin dourado por folhas, 1,200; com feixo, 1,300; com dois feixos, 1,500; com arcos, 1,600; com dois elegantes feixos grandes, 1,800 a 2,000 réis.

OFFICIOS E MISSAS DA SEMANA SANTA EXTRAIDOS DA OITAVA EDIÇÃO DO

MANUAL DO CHRISTIANISMO

Um bonito volume in-32.^o, 328 paginas com todos os officios e missas da Semana Santa, frontespicio colorido, e 4 gravuras, encadernado em percaline, 400 réis

Remette-se qualquer d'estes livros, franco, de porte, bem acondicionados, a quem mandar em vales ou estampilhas do correio, a importancia do pedido á Empresa Editora de Francisco Arthur da Silva, Rua dos Douradores, 72—Lisboa. Para o estrangeiro e ultramar addicionar-se-ha aos preços marcados mais 10 por cento para o excesso do porte. Os preços marcados são em moeda forte.

A' venda em todas as livrarias.—Em Guimarães—na de Teixeira de Freitas, successores—rua de S. Damazo, 5 a 9.